

**CAPÍTULO 02 – ANDAMENTO DO PROJETO BÁSICO AMBIENTAL DO
COMPONENTE INDÍGENA**

Anexo 9.1 - 37 - PPP da escola do povo Parakana

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO PARAKANÃ

| |
|---|
| Estrutura do P.P.P. |
| 1) Apresentação |
| A comunidade |
| Localização |
| Histórico do Povo – Origem |
| Contato |
| A Escola Parakanã |
| 2) Objetivos – A Escola que queremos |
| 3) Para nossa escola funcionar bem, precisamos: |
| 4) Organização da Escola |
| a. Instâncias de Decisão - Conselho Escolar |
| b. Sistema de Avaliação |
| c. Competências |
| 5) Currículo Escolar |
| 6) Calendário Tradicional e Calendário Escolar |
| 7) Documentação da Escola |
| Ficha de matrícula do Aluno |
| Ficha de avaliação mensal |
| Ficha de avaliação de etapas |
| Conselho Escolar |

APRESENTAÇÃO

Como foi elaborado o Projeto Político Pedagógico

O debate que deu origem a este Projeto Político Pedagógico aconteceu na reunião de formação de professores, na primeira semana de fevereiro de 2013, ocorrida no Centro de Formação Betânia, em Altamira, Pará. Participaram deste

encontro: a equipe da Secretaria Municipal de Educação (SEMED); Verthic, empresa responsável pelo PBA-CI, os professoras indígenas e não indígenas, conselheiros, pesquisadores, antropólogos, linguistas. Foi nesta reunião que demos os primeiros passos para a construção deste P.P.P e os demais das escolas indígenas do território etnoeducacional do Médio Xingu.

Nessa formação, elaboramos também vários materiais didáticos, produzidos na língua materna de cada povo presente no evento.

Outro encontro para debate do tema ocorreu na primeira semana de outubro de 2014, no Centro de formação Betânia, onde reunimos os professores indígenas, e não indígenas, conselheiros, pesquisadores, antropólogos, linguistas. Funcionários da SEMED E Secretaria Estadual de Educação (SEDUC). Neste evento ocorreu a solenidade de entrega de certificados aos educadores indígenas que concluíram o curso de Magistério Indígena de 2013. Também foi feito a entrega da publicação das cartilhas nas línguas maternas, feitas no ano anterior.

Quando chegamos a nossas comunidades nos reunimos na Tekatawa (Casa de reunião) dos Parakanã, onde explicamos para o nosso povo o que era o Projeto Político Pedagógico e a sua importância, conversamos sobre o modo como iríamos trabalhar para a construção dele.

Após esta conversa com a comunidade, nós, Kawore Parakanã, Xene Parakanã, Xogoa Parakanã, Tatoa Parakanã, Koxawoa Parakanã, Maxa Parakanã, juntos com Ty'e Parakanã, Wenatoa Parakanã e Maria Luiza da Conceição, graduanda em Etnodesenvolvimento, pela Universidade Federal do Pará, turma de 2010 continuamos a construir o P.P.P. sendo assessorados pelos professores e linguistas Gino Ferreira da Silva, Auristéa Silva e Odete Schmalz.

Detalhamos a seguir o passo a passo na construção do nosso P.P.P., que aconteceu em reuniões ocorridas na Ilha do Bom Jardim e Posto Indígena Apyterewa, no mês de novembro de 2014. Após cada reunião, retornamos para nossas aldeias para coletarmos mais informações para a construção do nosso projeto. Quando

contamos com a importante colaboração da liderança, que orrigiu conosco o projeto e fez diversos reajustes no P.P.P. Parakanã.

Também reunimos na Escola Indígena Iatora Parakanã com os anciãos e anciãs: Kyna'ia Parakanã, Koxoxiga Parakanã, Pioma Parakanã e Pa'oma Parakanã que nos contaram as histórias da Origem e do Contato dos Parakanã.

Em nova reunião com os assessores fizemos a tradução e resumo das histórias e definimos os padrões de avaliação que desejamos.

No dia seguinte, nos deslocamos para a Ilha do Bom Jardim, onde fizemos correções e acréscimos no P.P.P. Terminado o primeiro esboço, partimos para a confecção do calendário tradicional e daí para o calendário escolar já com a participação de Professores da SEMED, Cecília Maria Nascimento Batista, Marilene Carvalho (Xipaia), Vilberto Oliveira Alves, Manuel Alves Baldoíno; Olavo Reis (da Verthic) e Auristéa Silva. Assessora Linguística.

1. Parakanã do Xingu: Um Povo, sua terra e cinco aldeias

A nossa Terra Indígena Apyterewa, fica entre os igarapés São José e Bom Jardim, a nos municípios de Altamira, Senador José Porfírio e São Félix do Xingu. O acesso à Terra Indígena Apyterewa é feito de Altamira ou de São Félix do Xingu, por transporte fluvial pelo Rio Xingu ou por via aérea.

O processo de reconhecimento da TI Apyterewa está levando mais de duas décadas para ser concluído e enfrenta muitas dificuldades. Em 1992, recebemos a posse permanente sobre uma área de 9.800 km² (Portaria nº 267/1992). Em 1997, o Decreto nº 1.775 do ministro da Justiça Nelson Jobim (Despacho nº 17) determinou que a FUNAI fizesse o reestudo da área, propondo a redução de seus limites. Em 2001, o Ministro da Justiça Aloysio Nunes Ferreira reduziu a área para 7.734 km², de acordo com o despacho feito pelo ministro (Portaria nº 1.192/2001). A área revogada estava ocupada por madeiras e fazendeiros. Em 2003 o STJ que declarou nula a redução

(Mandato de Segurança nº 8.241-DF). Porém em 2004, o Ministro da Justiça, Marcio Thomaz Bastos, declarou a TI Apyterewa de posse permanente indígena (Portaria nº 2.581/2004), mantendo apenas os 7.734 km² da portaria declarada nula. Finalmente em 19 de abril de 2007 foi assinada a homologação da Terra Indígena Apyterewa pelo presidente José Inácio Lula da Silva. Apesar de homologada com a redução, a área da T.I. Apyterewa continuou sendo ocupada por fazendeiros, colonos e posseiros que fomentaram vários processos judiciais e muita pressão contra a demarcação. Ainda ocorre uma batalha judicial para conseguir desintrusão das terras indígenas ocupadas por não indígenas, para ser feita a identificação e a demarcação. Enquanto isto, o processo está de demarcação está paralisado.

A T.I. Apyterewa tem sido ocupada pelos Parakanã há muito tempo, nossos parentes eram arredios, e o contato foi feito pela FUNAI em dezembro de 1983 e março de 1984, na região do igarapé Bom Jardim, afluente do Rio Xingu. O primeiro grupo era composto por 106 pessoas e o segundo, de 31 (Fausto 1997, p. 60).

Todos os Parakanã viviam no antigo posto Apyterewa, até que a família de Axowy'a mudou-se para a margem do rio Xingu, onde é hoje a Aldeia Xingu, os demais Parakanã do antigo posto Apyterewa, também se mudaram para a margem do rio Xingu, construindo duas sucessivas aldeias que nomearam Aldeia Apyterewa.

Da aldeia Xingu, saiu um grande grupo formado principalmente pelos filhos de Axowy'a e Mixa'aga e formou a aldeia Kwarahya Pya. Ficando na Aldeia Xingu, principalmente os filhos de Axowy'a e Paxiga. Mais recentemente, um grupo ligado a família de Itainya e Ikoreria partiu de volta para o Igarapé Bom Jardim e construiu a Aldeia Paranopiona. Neste momento, uma nova aldeia está sendo construída a família de e agregados de Temekwarey'yma 'Sapinho', chamada Xahytata.

Atualmente, os Parakanã totalizam *** pessoas, e vivendo nas cinco aldeias: Apyterewa, Xingu e Kwarahya Pya, no rio Xingu, Aldeia Paranopiona no Igarapé Bom Jardim e Aldeia Xahytata que está sendo contruída no Rio Xingu.

2. Justificativa e Bases Legais

Para nós, povos indígenas, a Constituição Federal Brasileira de 1988 é uma importante conquista política, ela reconhece nossa cultura própria e o direito ao nosso território tradicional:

“(.) são reconhecidos aos índios a sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.” (MEC, 1998)

Na questão das escolas indígenas, o Artigo 210 desta Constituição garante aos povos indígenas, “o uso de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem” (MEC, 1998: 32)ⁱ

Esse documento foi elaborado a partir das bases legais específicas para a Educação Escolar Indígena e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, nº 9394/96).

A Resolução CEB nº 03/99 do Conselho Nacional de Educação estabelece “Diretrizes Nacionais para o funcionamento das Escolas Indígenas” e garante: a) “condições de escolas com normas e ordenamento jurídicos próprios” (artigo 1º da resolução); b) o ensino ministrado em língua materna (caput III, artigo 2º); c) a organização escolar própria (caput IV, artigo 2º); d) a garantia e reconhecimento da participação da comunidade nas “formas de produção de conhecimento, processos próprios e métodos de ensino e aprendizagem” (artigo 3º, caput III); e) respeita o desenvolvimento de atividades conforme projeto pedagógico e regimentos escolares diferenciados possibilitando a “organização das atividades escolares, independentes do ano civil, respeitando o fluxo das atividades econômicas, sociais, culturais e religiosas”; f) “duração diversificada dos períodos escolares, ajustando-a às condições e especificidades próprias de cada comunidade”; e também g) permite a formação específica para os professores e a possibilidade de formação em serviço, concomitantemente com sua própria escolarização.

A LDB também possibilita a adequação da educação básica às especificidades de cada região e cultura, conforme o artigo 23 que estabelece as opções de

funcionamento da escola em “ciclos, séries anuais, períodos semestrais, alternância regular de períodos de estudo, grupos não seriados, com base na idade, e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar” e ainda permite o estabelecimento de calendário escolar específico para “adequar-se às peculiaridades locais, inclusive climáticas e econômicas” (parágrafo 2º, artigo 23).

Ainda no texto da LDB está presente nas disposições gerais, artigos 78 e 79, o desenvolvimento de “*programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilíngüe e intercultural aos povos indígenas*”.

Com base na legislação vigente elaboramos a presente proposta pedagógica.

3. História do povo: mitos de origem

A Origem do Povo Parakanã

(Texto resultado da Pesquisa com os Velhos Parakanã, feita por Maxa, Xene, Xogoa)

Antigamente, os nossos ancestrais faziam a festa do *opetymo*. E para essa ocasião, construíam uma casa muito grande para caber todo o povo.

A festa durava muito tempo– dias e noites. Ao encerrar a festa os homens todos já estavam muito cansados. Era então a hora de descansar. Todos os homens descansavam na mesma casa, junto com o dono da festa que era muito poderoso e um grande sonhador.

Enquanto os homens descansavam, as mulheres saíam para pegar lenha. Numa dessas ocasiões, as mulheres foram pegar lenha. Antes de saírem o *Awaete opoahywetewa'e* falou para sua esposa:

– Quando vocês voltarem, não façam barulho, ao depositar a lenha nas proximidades da casa para não nos acordarem, pois precisamos descansar.

A mulher respeitava muito o seu marido e transmitiu o recado para as outras mulheres. Uma jovem, porém, muito rebelde, disse que iria fazer barulho para despertá-los. Nisso outra falou para a jovem:

– Não faça isso, você será a primeira a desrespeitá-lo.

Mas ela não estava nem um pouco preocupada com isso e insistiu, dizendo que iria despertá-los.

Então as mulheres saíram para pegar lenha e aquela jovem apressou-se para concluir o seu serviço e disse para as outras que já iria na frente delas.

As companheiras aconselharam-na a esperar e não acordar os homens. Porém como era muito teimosa, foi antes das outras e, chegando perto da casa, jogou a lenha no quintal, para propositadamente fazer barulho e acordar os homens.

O *Awaete opoahywetewa'e* acordou de susto e caiu da rede. Ao cair ele chamou o espírito da terra. Os amigos tentaram segurá-lo para impedir que chamasse o espírito, mas já era tarde demais.

De repente a terra afundou e começou a jorrar água em todos os lugares. Tudo ficou submerso. Como castigo o *Awaete opoahywetewa'e* mandou os homens jogarem a jovem na água. Ela gritou, pediu socorro, mas não adiantou. Assim que caiu na água foi devorada pelos *ipiraxawarohoa* (*piranhas assassinas*).

A água cobriu tudo de tal forma que só um pé de bacaba, que era mais alta de todas as árvores, sobrou entre duas pedras. Ali os dois irmãos se salvaram e todo tipo de passarinho vinha e pousava ali.

O *Awaete poderoso* tinha poder até para mover uma casa e levou com os outros homens aquela casa grande que haviam construído para a festa, carregando-a pelos pilares, cantando e assim a transportaram para outro local. Por quatro vezes ela afundou, até que finalmente encontraram um bom local e ali o *Awaete opoahywetewa'e* decidiu deixá-la.

Enquanto isso os seus dois filhos que se salvaram no pé de bacaba, sentiram muito calor e o irmão mais novo disse para o mais velho:

– Pega água para mim – disse.

Ele foi e, por várias vezes, desceu para pegar água na boca para seu irmão. Já de cabeça para baixo. Quando cansou, disse:

– Agora vá você, estou cansado, mas cuida que está muito liso – disse.

O irmão não quis ir, mas o mais velho insistiu para que ele fosse.

Finalmente ele foi, mas escorregou, caiu na água e as piranhas assassinas o devoraram.

Enquanto isso a água foi baixando de nível, pois o pai deles controlava a água. E o filho que se salvou foi pedindo ajuda para os animais.

Primeiro veio o veado *Mixara*. Ele disse que iria ajudá-lo a baixar a água. Foi pisando e cantando, mas não conseguiu. Aí outros animais *Ma'exiroa* vieram e passaram por ele, finalmente veio a anta *Tapi'ira*, que o ajudou. De longe, o jovem tinha visto o animal, mas não o reconheceu até que chegando mais perto, viu que era a anta. Ela começou a cantar e pisar. No primeiro pulo da anta a água baixou um pouco, no segundo pulo a água sumiu. Aí a anta disse para o jovem:

– Desça – disse.

Mas, o jovem desconfiado não quis descer até que depois de alguma insistência ele concordou. Desceu primeiro devagar, batendo a pontinha dos pés no chão, depois bateu com mais força e desceu. Saiu e começou a procurar a roça. Passou por ela, depois encontrou a aldeia e tudo ainda estava do jeito que era antes da enchente. Só faltava uma casa, aquela que os homens levaram para outro lugar. Depois procurou a família. Quando a encontrou, ninguém mais o aceitou, pois a família toda havia se transformado em não-indígena (branco). Isso tudo levou muito tempo.

Muitas tentativas fez de aproximar-se da família, mas sempre em vão. Até chegaram a atirar para que não se aproximasse e como sinal de que não o queriam com eles.

Então ficou sozinho como *awaete*. Depois de muito tempo encontrou uma mulher chamada Xota'ywynohoa. Esse nome significa *mulher que vive sobre as árvores*. Casou com ela e teve um filho que nasceu com rabo *howaxahoaramo* (com rabo como jacaré). Só a mãe sabia que ele nasceu assim. O pai não sabia. Ele tinha vontade de pegar o filho quando voltava do mato, da caça, mas a mulher nunca deixava. Depois de muito tempo, ele pensou assim:

– Vou sair como se fosse caçar, mas vou me esconder para ver se descubro alguma coisa.

Assim foi. Ele se escondeu.

E a mãe, pensando que o marido havia saído, começou a cantar, falando do rabo do filho. O pai que estava escondido, ouviu, ficou com muita raiva e pensou assim:

– Vou caçar.

Matou uma cutia e espalhou o sangue pelo tronco deitado de uma grande castanheira como se fosse o rastro de um animal ferido, fazendo de conta que uma cutia estava lá dentro. Ele ajuntou tudo que é pedaço de pau, fazendo uma armadilha para pegar a esposa.

Chegando a sua casa, pediu novamente para pegar o filho. Ela não deu, dizendo que estava tudo bem. Preparou a cutia e ele comeu. Depois disse para a mulher:

– Atirei em duas cutias, mas uma entrou no oco da castanheira *Xa'ywarohoa pope*. Vamos lá para você pegá-la.

Ele pensou assim:

– Quando ela entrar no buraco vai me dar o filho para eu segurar.

Foram e chegando no local, ele disse para a mulher:

– Deixe eu segurar nosso filho e você entra. Está muito escuro lá, ele vai chorar.

– Não. Ele está bem, vou levá-lo, ele não vai chorar.

– Tá leva – já disse com raiva.

Enquanto ela ia entrando no buraco com o filho. Ele a ia fechando a armadilha que tinha preparado.

Então ela disse:

– Eu acho que a cutia não está aqui, não.

– Está sim, vá entrando.

Enquanto ela entrava, o menino começou a chorar e o pai fechava cada vez mais o buraco com os paus que ajuntara. Ao terminar, ele disse:

– Você vai morrer aí, vai virar sapo e nunca mais vai sair dali.

Aí voltou para casa e no dia seguinte retornou. Ela ainda estava como gente.

Foi para casa e no dia seguinte voltou. Agora os dois já haviam se transformado em sapo. Aí ele disse:

– Eu falei, eu pedi para segurar meu filho e você não me deu.

Então voltou para casa, sozinho e fazia tudo por muito tempo. De noite sempre vinha um passarinho na sua casa a *Wa'ya* e cantava. Uma noite ele falou assim para *Wa'ya*:

– Você pode ser minha mulher.

E o passarinho respondia:

– *Wa'y, wa'y.*

No dia seguinte ele deixou a mandioca na água e saiu para caçar. Ao voltar, a farinha estava pronta e tudo arrumado.

O passarinho tinha uma irmã. Eram duas. Uma branca e muito bonita; a outra era morena e bonita também. Ele começou a estranhar, porque chegava em casa estava sempre tudo arrumado e a farinha feita. Olhava e não via ninguém. De noite, noutro dia, elas cantaram novamente e ele disse outra vez:

– Case comigo, seja minha esposa!

Amanheceu o dia, ele saiu para caçar. Quando chegou à casa tinha mingau de mandioca pronto. Mas não tinha nem um sinal de quem fez. Aí ele saiu gritando:

– Quem é que está fazendo as coisas para mim?

E nada. No dia seguinte, ele saiu outra vez, fingindo que ia caçar, mas pensou:

– Vou fazer farinha – e deixou a mandioca de molho e se escondeu. Queria ter certeza se eram as duas (os passarinhos). Ficou observando. Aí viu as duas chegando. A branca só ficava observando para ver se havia alguém por aí. E ele pensou:

– São vocês que estão fazendo as coisas para mim.

Aí ele foi chegando, chegando, chegou perto da morena e segurou o seu braço.

Ela disse:

– Pega a outra, eu não vou sair daqui.

Mas ele não quis soltar e ficou segurando o seu braço. Enquanto isso a branca foi saindo, saindo devagar até voar.

De tardinha a branca ficou cantando para a irmã vir. A morena respondia, pedindo que a branca viesse, mas ela nunca mais veio cantar. Aí ele se juntou com a morena e assim surgiu o nosso povo.

O Contato – SOB A ÓTICA PARAKANÃ

(Texto resultado da narrativa feita por Tatoa , Ty'e, Kawore Parakanã)

Antigamente os Parakanã viviam na região do Xingu, caminhando onde era a fazenda Perachi, eles ficavam circulando na região. Os Parakanã viviam divididos em vários grupos.

Uma vez os Parakanã encontraram um acampamento de toria, de caçador de pele de onça “marakaxa re akawa’e”, o branco fugiu e eles pegaram facão.

Posteriormente um grupo Parakanã encontrou na cabeceira do Bom Jardim, um acampamento de toria, os mariscadores de gato, estes fugiram e o grupo do latora, que se chamava Paxara saquearam as barracas e pegaram facão, redes e outros objetos dos caçadores.

Os caçadores avisaram a FUNAI. Então vieram os brancos, um deles era o Mixara (Luis Moreira) que trouxe o Xoraroa do Maroxewara. O Xoraroa sabia que seus irmãos Torimo’a e Atoxina viviam nesta região e veio participar do contato, na esperança de revê-los. Não encontraram o grupo, mas deixaram vários presentes, e ficaram de longe vigiando. Quando o grupo dos Parakanã se aproximou, Xoraroa entendeu a fala do grupo. No início queriam matar Mixara, o Xoraroa acalmou os Parakanã, para proteger o pessoal da FUNAI.

Mixara se comunicou com o pessoal da FUNAI, depois ele convidou os Parakanã para irem na margem do Xingu. Os brancos iam fazendo a picada e os índios traziam as suas coisas, sem pressa. Naquela época não havia doença, todos estavam sadios. O grupo que, primeiro se agregou aos brancos.

Depois Konomí’ia e estava tirando palmito e descobriu a picada, seguiu a picada para matar e acabou encontrando o pessoal do latora, que o convenceu, com a família a ficar com o grupo já vivendo com os *torias*.

Eles formaram uma aldeia na cabeceira do Bom Jardim, neste lugar morreram 2 indígenas, com doença respiratória, por isso eles se mudaram para o Apyterewa velho,

uma aldeia antiga. Mokoi amyna , cerca de 1 ano e meio depois, o grupo do Axowy'a foi contactado. E todos ficamos no Apyterewa velho.

4. A Origem da Escola dos Parakanã do Xingu

A escola Parakanã começou no ano de 1991, depois que os professores não indígenas Gino e Auristea Silva (Piwei'a e Mere, como os chamamos) começaram a estudar e descrever a nossa língua, em 1990, e produziram os primeiros materiais escritos para os Parakanã do Xingu.

A educação escolar entre os Parakanã começou em 1991. Inicialmente, a expectativa do povo era que apenas a língua do não-indígena podia ser objeto de estudo na escola. Naquele momento, a escola foi desejada pela comunidade como uma forma de apropriação de um bem que era do não-indígena. Passado esse primeiro impacto, alguns perceberam que "*-mopinim*" ('escrever', literalmente 'causar pintura') era algo possível e que tinha tudo a ver com sua língua até então transmitida entre as gerações apenas de forma oral.

A primeira escola foi criada e construída com a participação da comunidade e dos professores Gino e Auristéa Silva, e tornou-se um evento social importante, um lugar para diversão e conversação sobre a língua. Para comemorar, duas músicas foram compostas como referência.

Mipa Parakanã Sobre a Escola Indígena

Autoria: Inatayrawa Parakanã – Março de 1990

Transcrição: Kawore Parakana – 19/11/2014

Ma'e imopinimawa te.

Hemiraroma imopinimawa te.

Xehexe xehexe....

Ma'e imopinimawa te.

Hemiraroma imopinimawa te.

Xehexe xehexe....

Wemiraaroma imopinimawa te

Xehexe xehexe....

Mipa Parakanã Sobre a Escola Indígena

Autoria: Inatayrawa Parakanã - Março de 1990

Transcrição: Kawore Parakana – 19/11/2014

Omxinigo raka, Omxinigo raka.
Ema'e, ore omoxinigamo, omopinimoho
Xehexe xehexe....
Ema'e ore omoxinigamo, omopinimoho
Xehexe xehexe....

Como evento social novo, a escola foi vedada às mulheres e crianças, só os homens adultos puderam estudar. Esse critério foi determinado pela sociedade local. Os primeiros alunos tiveram êxito no aprendizado da escrita, ressaltando-se que os homens mais jovens tinham muito mais facilidade que os mais velhos. As crianças que não estudavam aprenderam rapidamente apenas 'assistindo' às aulas, empoleiradas nas cercas ao redor da escola. Elas assimilaram que a leitura é um objeto de ensino paralelo à escrita, enquanto os mais velhos gastavam mais tempo tentando desenhar as letras do que as associando aos sons que formavam enunciados na sua língua.

A escola Parakanã atende os indígenas até a 4ª. série do ensino fundamental. Um grupo formado por 26 Parakanã fizeram em Altamira a continuação da sua escolarização em módulos, mas apenas 6 indígenas chegaram a concluir o curso de Magistério Indígena em novembro de 2013.

Atualmente, as escolas das quatro aldeias da Terra Indígena Apyterewa, contam com professores indígenas. A maioria tem o curso de magistério indígena. Os missionários atuam no reforço escolar, no apoio e produção de material didático e no treinamento continuado dos professores indígenas.

5. Diagnóstico da Educação escolar Parakanã

Durante a construção desse P.P.P., fizemos uma avaliação e percebemos os seguintes pontos, como preocupantes:

- Português – Material da escola da cidade, não contextualizado nem para a região.
- Documentação – Muita burocracia, muito papel para o professor preencher, sem adaptação para a realidade da escola indígena.
- Falta de Material Didático adequado e disponível para os professores indígenas.
- Material escolar de má qualidade e insuficiente.
- Merenda (Pouca e de má qualidade)
- As escolas existentes construídas por madeireiros (Apyterewa e Aldeia Xingu) ou com recursos da comunidade (Paranopiona e Kwarahya Pya). Em todos os casos as escolas são pequenas, quentes, pouco iluminadas, sem energia, água e banheiros
- Quantidade insuficiente de carteiras, sem mesa para professor e armários para guardar material.
- Aldeias sem água nas aldeias Paranopiona e Kwarahya Pya e sem banheiro.
- Falta de pessoal para limpeza, merendeira, coordenação, direção e supervisão.
- Falta de pessoa para montagem de mobiliário e equipamento (móveis desmontados, computadores, etc)
- Falta de quadro de giz ou branco.
- Falta de cozinha, fogão, vasilhame e gás para fazer merenda
- Falta de material para produção de material didático (mimeógrafo, impressora)
- Falta de capacitação para manuseio de equipamentos (computador, impressora, projetor, etc)
- Apesar de professores fazer avaliação continua, as exigências e o planejamento externo dos *Toria* é incompatível com a realidade
- Falta de tempo para planejamento e preparo de material didático
- Falta de espaço adequado para preparação de material (sala, mobiliário e material de uso contínuo)

- Falta de transporte e apoio para professores (em treinamento e em atividade nas aldeias)
- Problemas com turmas multisseriado (pouca aprendizagem, e espaço inadequado, o que produz é professor e alunos confusos)
- Falta de biblioteca (consulta para professor, material de leitura para os alunos)
- Problemas com disciplina/ aprendizagem
- Problemas para atender alunos especiais (surdez, visão deficiente etc)
- Não acompanhamento dos recursos da escola (PDDE/ PDDE CAMPO)

Pontos Positivos

- Valorização da escola
- Valorização da língua
- Educadores indígenas
- Treinamento pedagógico
- Assessoria Linguística para os professores indígenas e não indígenas
- Registro e reconhecimento da Escola como Escola indígena
- Confecção de cartilhas na língua Parakanã
- Livros de Leitura em Parakanã
- Elaboração Projeto Político Pedagógico (P.P.P) com participação professores, comunidade, e assessores convidados
- Elaboração de Currículo diferenciado
- Elaboração de Calendário
- Educação de Jovens e Adultos (E.J.A) na aldeia polo
- Brasil alfabetizado – Programa de Alfabetização de Adultos
- Formação continuada de professores

6. A Escola Que Queremos

Nossos objetivos *Xeneremimotara* são:

- Preservar nossa língua e cultura.
- Resgatar a coletividade do grupo e do modo de vida tradicional.

- Ter uma escola que atende toda a comunidade: adultos e crianças, homens *Akoma'e* e mulheres *Gyge*.
- Ter um Calendário Escolar diferenciado – que contempla as festas e costumes tradicionais.
- Elaborar nosso Currículo escolar – que compreende dos saberes tradicionais, educação monolíngue, contemplando a língua Parakanã, e o conhecimento dos torias em português, que precisamos para defender nossas terras, costumes e língua e nos permite transitar no meio dos torias, sem nos sentir inferior. Para isto queremos que a escola seja dividida em seis (6) ciclos, sendo a língua Parakanã a base do 1º Ciclo e o 2º. Ciclo, e o 3º. 4º. Ciclo e 5º. Ciclo bilíngue em língua Parakanã e Português (ensino bilíngue), 6º. Ciclo em Português.
- Administração dos recursos financeiros para a escola (decisão de gastos com acompanhamento dos professores/monitores/comunidade representado no Conselho Escolar).
- Cursos de capacitação para a comunidade escolar, atendendo as necessidades locais (pessoal para manutenção, merenda, etc).
- Alimentos do cardápio da merenda escolar, fornecido por produção excedente da própria comunidade.
- Ter formação continuada para professores (que inclua transporte e apoio durante o curso).
- Antes dos 4 anos de vida, as crianças terão o Ensino tradicional da língua e cultura apenas dentro do núcleo familiar. A partir do 4º. ano de vida, nossas crianças poderão ingressar na escola.
- Incentivar o progresso dos alunos permitindo o avanço dos alunos de acordo com o seu aprendizado.
- Garantir a participação dos professores, alunos e comunidade na construção do Projeto Político Pedagógico, e na sua Revisão, sempre que necessário.
- Garantir que os professores indígenas sejam também pesquisadores para registro da nossa língua e cultura.

- Participação da liderança e da comunidade na vida e nas decisões da escola através do Conselho Escolar.

7. O que nós precisamos para ter uma escola ikatoete “Excelente”

- Energia Solar
- Equipamento computador, impressora, Datashow, TV, etc.
- Material de boa qualidade e suficiente para todos os alunos (**material de uso permanente**, tais como quadro branco, carteiras, cadeiras e **material consumo**, como cadernos, lápis, borracha, caneta, lápis de cor, giz de cera etc)
- Professores Indígenas e não indígenas capacitados.
- Merenda diferenciada conforme a cultura (em quantidade suficiente, regionalizada e distribuição regular, se possível bimestralmente)
- Água Potável na escola.
- Ter manutenção periódica e preventiva para preservação do espaço físico das escolas.
- Contar com material de limpeza adequado.
- Regularmente, proporcionar capacitação para membros da comunidade, para trabalhar como pessoal de apoio (merendeira, secretária etc).
- Ter um tempo para planejamento e produção de material didático (1º. Semana no inverno e outra no verão).
- Contar com transporte Escolar (barco/combustível/piloto).
- Contar com Transporte /apoio para os servidores nas atividades da escolas.
- Estabelecer turmas menores/para atendimento de diferentes etapas de cada ciclo (com máximo de 25 alunos) para cada período de aulas, garantindo aos professores indígenas 200 horas mensais.
- Oferecer, sempre que possível, atendimento diferenciado para alunos especiais, garantindo também formação para os professores atender estas necessidades, com material adequado.

- Reivindicar e lutar para ter Espaço físico que atenda as necessidades da comunidade. Queremos o mesmo padrão na construção das escolas nas aldeias que contará com a seguinte estrutura:

Escola nas aldeias (Xingu, Paronopiona, Kwarahya Pya, Xahytata)

– Espaço Físico

- Secretaria
- Biblioteca (Com espaço para Sala de vídeo, sala de leitura)
- Cozinha
- Refeitório
- Sala de professor e produção de material (banheiro)
- Banheiros
- Sala de computação
- Espaço de Educação Física/Arte
- 4 salas de aulas (para atender 5 ciclos –adultos, jovens e crianças)

Escola Polo – Aldeia Apyterewa – Espaço Físico

Também precisamos de uma escola maior na **Aldeia Apyterewa**, que será nossa **Escola Polo**, para atender a demanda de alunos além da Educação Fundamental. A Escola Polo deverá ter a seguinte estrutura:

- Secretaria
- Biblioteca (Com espaço para Sala de vídeo, sala de leitura)
- Cozinha
- Refeitório
- Sala de professor e produção de material (banheiro)
- Banheiros
- Sala de computação
- Espaço de Educação Física/Arte
- 4 salas de aulas (para atender 5 ciclos –adultos, jovens e crianças)
- 3 salas para atender 6º. ciclo com Ensino médio

- Casa para professores (visitantes) com mobiliário adequado.

8. COMPONENTES CURRICULARES:

A Educação Parakanã, contará com seis ciclos, com o seguinte conteúdo a ser estudado em cada ciclo:

1º. Ciclo (4 a 5 anos) –

Dividido em 3 etapas – Basicamente monolíngue em Parakanã

Objetivos Xeneremimotara:

- Desenhar e Pintar
- Iniciar noções de classificação (forma, tamanho, cores, quantidades)
- Introduzir informação sobre a alimentação e os cuidados com a saúde
- Cantar e dançar as músicas e festas tradicionais
- Conhecer partes do corpo
- Conhecer alimentos e cuidados básicos de higiene
- Pescar, caçar e coletar alimentos
- Remar e nadar
- Flechar (akoma'e)
- Conhecer as histórias tradicionais

2o Ciclo (6 a 8) – Divididos em 3 etapas

Objetivos Xeneremimotara:

- Ler com compreensão em Parakanã (língua materna)
- Produzir pequenos textos
- Nomear corretamente as coisas do seu mundo
- Desenhar e pintar
- Desenvolver operações de classificação (forma, tamanho, cores, quantidades)
- Conhecer a alimentação e os cuidados com a saúde
- Cantar e dançar as músicas e festas tradicionais

- Trabalhar noções de tempo e espaço
- Introduzir o sistema numérico Parakanã
- Conhecer partes do corpo
- Conhecer alimentos e cuidados básicos de higiene
- Pescar, caçar e coletar alimentos
- Remar e nadar
- Flechar (akoma'e)
- Fazer artesanatos
- Conhecer seu povo (a sua e as outras aldeias Parakanã)
- Reproduzir histórias tradicionais

3º. Ciclo (9 a 11 anos)

Dividido em 3 etapas – Estudo Bilingue em Parakanã e Português

Objetivos Xeneremimotara:

Linguagem

- Desenvolver a linguagem escrita Parakanã.
- Produzir textos.
- Ler com compreensão textos em Parakanã e em Português.
- Estudar sinais de pontuação.
- Conhecer diferenças entre ortografia Parakanã e Português.
- Conhecer noções gramaticais Parakanã e Português.
- Ampliar o conhecimento do vocabulário Parakanã e Português
- Estudar as regras de ortografia e pontuação.

Ciências da Natureza

Matemática:

- Desenvolver as operações matemáticas (adição, subtração, divisão e multiplicação até 10).
- Estudar o sistema monetário.
- Introduzir sistemas de peso e medida.

- Introduzir o número decimal.
- Introduzir geometria (figura geométrica e proporção).
- Trabalhar as unidades de medida: Distância (metro) - Área (hectare) - Peso (quilograma) - Capacidade (litro)

Ciências:

- Conhecer os alimentos (propriedades dos alimentos, cuidados)
- Estudar o corpo humano (partes, funções e cuidados)
- Estudar doenças e modo de transmissão (mais comuns da região)
- Estudo e prevenção de Alcoolismo e Tabagismo
- Estudar os fenômenos da natureza (chuvas, raios, trovões, clima, piracema)
- Estudar as estações (características, alimentação de cada estação)

Estudos da Sociedade

- Conhecer a formação município e o estado do Pará
- Introduzir as leis sobre o indígena (direitos e deveres)
- Conhecer a história do Povo Parakanã
- Estudar a produção local e regional
- Introduzir a representação geográfica
- Pesquisar sobre as lutas do povo da aldeia (Posto de Saúde, Escola, a demarcação, a formação de professores índios, e a organização social da comunidade)
- Conhecer as características do espaço geográfico das regiões brasileiras (hidrografia e relevo)

Arte e Educação Física

- Estudar as diferentes formas de expressão cultural do nosso povo
- Remar e nadar
- Futebol
- Fazer artesanatos

5º. Ciclo (12 a 14 anos)

Dividido em 3 etapas de um ano cada etapa

Preparar o aluno para os estudos avançados, dentro ou fora da comunidade
(ensino fundamental maior e ensino médio)

Objetivos Xeneremimotara:

Língua:

- Desenvolver a linguagem escrita em Parakanã e Português
- Estudar as regras gramaticais do Parakanã e do Português
- Desenvolver diferentes tipos de textos Parakanã e Português
- Desenvolver leitura Parakanã e português (interpretação em Parakanã e Português)

Ciências da Natureza

- Desenvolver as operações de adição, subtração, multiplicação e divisão
- Entender problemas de lógica
- Diferenciar os sistemas numéricos
- Introdução a regra de três
- Conhecer medidas de área
- Desenvolver operações com o sistema monetário
- Estudar noções de química
- Estudar noções de física
- Aprofundar conhecimentos com a saúde
- D.S.T (doenças sexualmente transmissíveis e AIDS)
- Preservação e conservação da nossa área
- Estudar o sistema solar

Estudos da Sociedade

- Conhecer os países latino-americanos
- Conhecer os continentes e suas principais características
- Noções de Geopolítica
- Noções referentes a globalização econômica
- Estudar o Estatuto do Índio e a Constituição Brasileira

- Estudar e conhecer sistemas de governo e produção
- Trabalhar noções de antropologia e sociologia
- Estudar a história dos povos indígenas do Brasil e da América e suas diversas formas de lutas e resistências

6º. Ciclo (Ensino Médio) – Ensino em Português.

9. A Organização das Escolas Indígenas Parakanã

A Escola da Aldeia Apyterewa - Memorial da Escola Indígena Iatora Parakanã

A história da Escola Iatora Parakanã se mescla com a história da escola dos Parakanã do Xingu. Em 1991, a escola Parakanã foi fundada no Antigo Posto Indígena Apyterewa onde viveram todos os parakanã após o contato em 1983 e 1984.

Em 1998, os últimos parakanã que viviam no Igarape Bom Jardim, se mudaram para a Nova Aldeia Apyterewa no Rio Xingu.

Solicitado pela comunidade a nova escola foi construída com recursos da comunidade em 1999 e nomeada Iatora Parakanã, em homenagem ao nosso Moroyroa Iatora, o melhor contador das histórias e tradições Parakanã, que se tem notícia, que ainda vivia entre nós.

O primeiro professor indígena foi Kawore Parakanã que ensinou em 2011. Koxawoa Parakanã foi a primeira professora indígena a ensinar na T.I. Parakanã, no ano de 2014.

Escola da Aldeia Xingu - Memorial da Escola Indígena Axowy'a Parakanã

Em 1996, contruímos nossa primeira escola da Aldeia Xingu, e convidamos Mere e Piwe'a para ser nossos professores, a Escola recebeu o nome de Axowy'a

Parakanã em 1997*, quando a escola foi reconhecida por decreto, pelo governo do estado do Pará e posteriormente municipalizada em 1999.

Nós da Aldeia Xingu, junto com a nossa comunidade, escolhemos colocar o nome de Axowy'a Parakanã em homenagem ao Parakanã mais velho entre nós, pois ele foi um grande contador de história do nosso povo parakanã, que tinha muita sabedoria na condução da nossa comunidade, nos ensinava a caçar, e a medicina tradicional de nossos antepassados. Ele também foi o fundador dessa aldeia. Todo o povo da aldeia o respeitava muito, sobretudo como um grande chefe.

Em 2011, o primeiro professor indígena a ensinar na Escola Axowy'a Parakanã foi Xogoa Parakanã, sendo seguido por Maxa Parakanã, que veio do Maroxewara em 2013.

A Escola Aldeia Kwarahya Pya – Memorial da Escola Indígena Arona Parakanã

A aldeia Kwarahya Parakanã foi formada em 2011. A Escola da aldeia foi construída pela própria comunidade e recebeu o nome de Arona Parakanã, que foi um antigo parente e importante cantador e compositor famoso entre nós. Arona dançava e ensinava as músicas e festas tradicionais, por isso o nome dele foi escolhido para ser o homenageado e lembrado na escola da Aldeia Kwarahya Pya.

O primeiro professor indígena a ensinar na Escola Arona Parakanã, foi Tatoa Parakanã, que começou a ensinar em 2012.

Escola da Aldeia Paranopiona – Memorial da Escola Indígena Awaga Parakanã

A Escola Awaga Parakanã surgiu a partir da necessidade de escolarizar os alunos das famílias que deslocaram da Aldeia Apyterewa, no final de 2011 para formar uma nova aldeia no Igarapé Bom Jardim. A nova aldeia foi chamada de Paranopiona que significa 'Rio de Água Escura', uma referência às águas turvas do Igarapé Bom

Jardim. Naquela época reuniu-se a comunidade e detectaram que havia 15 alunos entre os jovens e adultos.

Uma comissão juntamente com a liderança reivindicou junto a FUNAI a criação da escola em janeiro de 2012. A FUNAI solicitou apoio da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), para atender a demanda da comunidade, e a escola da Aldeia Paranopina foi finalmente criada em 20 de novembro de 2012. A comunidade escolheu o nome do *moroyroa* Awaga Parakanã, para nomear a escola, como forma de homenagem por ele ser o mais velho da Aldeia por ele gostar de contar a história de nossos antepassados, e por ser um velho conselheiro.

O primeiro professor indígena escolhido pela comunidade foi Xene Parakanã que começou a lecionar em 2013.

A Escola Indígena da Aldeia Xahytata -

Esta aldeia foi formada em novembro de 2014, por falta de estrutura para funcionamento da escola, os alunos desta comunidade serão matriculados e assistidos na aldeia Kwarahya Pya, precisando para tanto de transporte escolar, até que a estrutura na própria aldeia seja construída.

10. Competências

Responsabilidade de cada integrante da comunidade escolar:

Professores:

*Participação de curso para indígena e outros, quando indicado pela direção e lideranças indígenas;

*Proporcionar um ensino de qualidade nas diversas áreas de conhecimento;

*Participar de pesquisas cultural e linguística na comunidade, sempre que possível;

*Elaborar relatórios sobre as atividades pedagógicas vivenciais;

*Cumprir o horário de aulas, reuniões e /ou atividades combinadas;

*Manter atualizados os documentos sobre as atividades escolares e desenvolvimento dos alunos;

*Responder a direção, por questões pedagógicas, independentes de qualquer outro vínculo institucional;

*Manter a direção, conselho escolar e líderes da aldeia, informados das atividades e necessidades da escola;

*Fazer o registro do saber da sociedade indígena junto com os alunos, ouvidas as lideranças indígenas;

*Informar à direção e comunidade, em tempo hábil, suas possíveis ausências;

Alunos:

*Participar com assiduidade das aulas de todas em áreas de conhecimento, inclusive as língua e cultura do povo;

*Ter respeito pela escola e ensino;

*Preservar, conservar a escola e participar das atividades de limpeza da mesma;

*Conservar os materiais escolares e o acervo da escola;

*Colaborar com os mais velhos nas atividades da aldeia;

*Ter atitude de respeito com os velhos *moroyroa* em todos os momentos das atividades pedagógicas quando estiverem emitindo opinião;

*Comunicar ao professor sua ausência, quando se fizer necessário;

*Ser assíduo e pontual nos trabalhos e deveres escolares, reuniões e outras atividades combinadas;

*Indicar representante dos alunos para participar do conselho escolar;

Pais de alunos e comunidade

*Participar das reuniões pedagógicas das escolas, através do Conselho Escolar;

*Acompanhar as atividades escolares de seus filhos;

*Proporcionar acesso às aulas, para o bom desempenho escolar de seus filhos;

*Avaliar o trabalho dos professores e funcionários da escola;

- *Ajudar nas aulas de prática cultural;
- *Indicar representante para o Conselho Escolar.
- *Participar com o mutirão de limpeza, incluindo o pessoal da saúde.

Coordenador pedagógico

*Ser o elo entre a escola e a Secretaria de Educação, no processo de implementação da Política Educacional do Município;

*Coordenar o processo de construção, execução e avaliação do Projeto Político Pedagógico da Unidade de Ensino garantido à participação efetiva dos membros da comunidade escolar;

*Responsabilizar-se juntamente com diretor e professores pelo cumprimento da Proposta Pedagógica, resultados e alcance das metas da escola e do município;

*Coordenar, acompanhar e avaliar os planejamentos das atividades didático-pedagógicas da escola;

*Coordenar os trabalhos dos professores, fornecendo orientações técnico-pedagógicas, objetivando a melhoria da qualidade do processo de ensino aprendizagem;

*Desenvolver e acompanhar atividades integradas com todos os serviços existentes na escola, para garantir a eficácia do processo de ensino aprendizagem;

*Cooperar em atividades escolares que objetivem a eficiência do processo educativo e a integração aluno, professor, família e comunidade;

*Acompanhar os registros de informações nos diários de classe;

*Visitar as turmas semanalmente para acompanhar o desempenho acadêmico dos alunos;

*Acompanhar o desempenho dos discentes, por turmas, mediante Avaliação Diagnóstica;

*Gerenciar mensalmente o alcance das metas por meio das rotinas da Sistemática de Acompanhamento;

*Garantir a fidedignidade e a permanente atualização dos dados;

*Participar das reuniões dos coordenadores realizada pela Secretária Municipal de Educação;

*Participar de cursos de formação continuada e disseminar seus conteúdos junto aos professores da Unidade de Ensino;

*Realizar reuniões pedagógicas com os professores para planejamento e re-planejamento das ações sempre que se fizer necessário;

*Realizar reuniões pedagógicas quinzenalmente;

*Promover a capacitação em serviço do corpo docente;

*Informar os pais ou responsáveis sobre a freqüência e o rendimento dos alunos;

*Articular e colaborar na elaboração do plano de atividades curriculares da escola;

*Analisar o processo de acompanhamento dos alunos, encaminhado a outros especialistas aqueles que necessitarem de acompanhamento especializado;

*Organizar e manter sob a sua responsabilidade a documentação pertinente a sua área, bem como apresentar, a quem de direito, o relatório anual do trabalho;

*Manter-se constantemente atualizado sobre técnicas, dinâmicas de ensino e legislação educacional;

*Elaborar diretrizes e acompanhar a execução de um plano de orientação para o trabalho com os alunos que apresentarem baixo rendimento escolar;

*Participar do processo de adaptação curricular;

*Participar juntamente com os professores, da seleção dos livros didáticos a serem adotados;

*Elaborar e aplicar testes Classificatórios em conjunto com os professores no início do ano letivo, quando se tratar de aluno oriundo de escola não autorizada ou não reconhecida;

*Garantir o cumprimento do calendário escolar conforme legislação em vigor;

*Estimular a assiduidade e pontualidade de professores e alunos;

*Participar, obrigatoriamente, dos Conselhos de Classe e de outros Órgãos Colegiados de que, por força deste regimento, for;

*Exercer as demais atividades inerentes a função.

Diretor

*Coordenar, acompanhar e assessorar a operacionalização do processo educativo da escola, respeitando as especificidades da educação indígena e tomar as providências para os ajustamentos que se fizer necessário;

*Planejar o uso dos recursos destinado à escola ouvido o Conselho Escolar;

*Organizar as atividades no calendário escolar;

*Mediar às conversas entre a escola e comunidade.

Tempo de gestão: 4 ano, a comunidade avalia constantemente o trabalho e decide pela permanência ou mudança de pessoa para esse cargo, podendo ser índio ou não índio, dependendo da formação acadêmica.

Encaminhar demanda aos órgãos competentes, para representação judicial contra pessoas e/ou empresas que danificarem o patrimônio da escola.

Merendeira(o) *Temí'oapotara*

*Preparar e servir a merenda escolar;

*Zelar para que os utensílios utilizados estejam sempre em boas condições de higiene e uso;

*Operar com fogões, aparelhos de preparação ou manipulação de gêneros alimentícios, refeições e outros;

*Responsabilizar-se pela limpeza geral da cozinha;

*Zelar pela qualidade da merenda escolar evitando deterioração dos gêneros alimentícios, bem como comunicar direção da unidade de ensino qualquer irregularidade detectada;

*Permanecer no serviço em sua jornada de trabalho, executando os trabalhos que lhe forem atribuídos;

*Participar do curso de capacitação para sua função;

*Colocar avental e touca durante o preparo da merenda;

*Não deixar que crianças pequenas fiquem na cozinha durante a preparação da merenda.

Faxineira(o) *Ipehintara*

*Zelar pela limpeza e conservação do prédio e arredores do espaço escolar;

*Responsabilizar-se pela arrumação, e bom uso dos moveis e, comunicar a direção problemas e defeitos;

- *Requisitar material de limpeza e controlar seu consumo;
- *Permanecer no serviço durante o horário de trabalho, executando os trabalhos que lhe forem atribuídos.
- *Participar do curso de formação para a função.
- *A faxineira terá a autonomia de mobilizar a comunidade para o mutirão de limpeza, sempre que necessário.

Piloto 'yararerowakara

- *Averiguar o óleo do carter, do pé do motor;
- *Verificar a quantidade de combustível necessária para cada viagem;
- *Orientar os passageiros a usar os coletes salvavidas;
- *Sempre ter óleo para usar no motor da embarcação;
- *Ajudar sempre que for necessário na escola;
- *Manter a embarcação sempre limpa;
- *Cumprir seu horário de trabalho;
- *Participar do curso de formação para a função.
- *Manter controle das viagens e quantidade de combustível usado.
- *Comunicar a direção quaisquer problemas ocorridos durante o trabalho
- *Requisitar material para uso na embarcação.
- *Possuir Arrais-amador, documentação necessária para a função.

11. Conselho Escolar

Presidente do Conselho Escolar

- *Convocar e presidir reuniões e assembleias do Conselho;
- *Administrar, juntamente com o tesoureiro, os recursos financeiros da entidade; e promover o entrosamento entre os membros do Conselho, acompanhando o desempenho de suas funções.
- *Participar das reuniões pedagógicas da escola.
- *Participar do curso de formação para a função.

Vice-presidente do Conselho Escolar

*Auxiliar o presidente nas atribuições pertinentes ao cargo e, quando necessário, responder pelo Conselho.

*Participar do curso de formação para a função.

Tesoureiro do Conselho Escolar *Tamatare rexakara*

*Assumir a responsabilidade de toda a movimentação financeira (entrada e saída de valores);

*Assinar, junto com o presidente, todos os cheques, recibos e balancetes;

*Prestar contas (no prazo estabelecido pelo estatuto) à Diretoria e ao Conselho Fiscal e, anualmente, em assembleia geral, aos associados;

*Manter os livros contábeis (caixa e tombo) em dia e sem rasuras.

*Participar do curso de formação para a função.

Secretária(o) do Conselho Escolar

*Elaborar toda a correspondência e documentação: atas, carta, ofícios, convocações, ler as atas em reuniões e assembleias;

*Manter a organização e atualização de arquivo e livros de atas;

*Elaborar, em conjunto com a Diretoria, o relatório anual.

*Participar do curso de formação para a função.

12. Sistema de Avaliação

Na escola Parakanã queremos fazer uma avaliação contínua dos alunos com os seguintes conceitos em Parakanã :

- | | |
|----------------------|-----------------|
| ✓ Nokwahawi | Noxexyih |
| ✓ Okwahampipi | Noxexyih |
| ✓ Okwahawere | Oxexyi |
| ✓ Okwahawete | Oxexyi |

Na documentação da escola os conceitos serão traduzidos da seguinte forma:

- **Nokwahawi** equivale a nota **3**. O aluno recebe ao final do ano o conceito **noxexyih**, indicando que o aluno 'não avança' e que portanto está reprovado, devendo permanecer na mesma etapa.
- Okwahampipi equivale a nota **5**. O aluno recebe ao final do ano o conceito noxexyih, indicando que o aluno 'não avança' e que portanto está reprovado, devendo permanecer na mesma etapa.
- Okwahawere equivale a nota **7**. O aluno recebe ao final do ano o conceito OXEXYI, indicando que o aluno 'avança' e que portanto está aprovado, e deverá avançar para a etapa seguinte.
- Okwahawete equivale a nota **10**. O aluno recebe ao final do ano o conceito OXEXYI, indicando que o aluno 'avança' e que portanto está aprovado, e deverá avançar para a etapa seguinte.

Mensalmente os professores vão anotar em ficha própria os registros das atividades que vão entrar na avaliação continuada, serão:

- A presença nas atividades escolares (dentro e fora da classe)
- Participação nas aulas
- Exercícios
- Pesquisas
- Apresentações
- Leituras

setembro será todo dedicado ao acompanhamento de festas tradicionais Parakanã. Em outubro ocorrerão atividades em classe, em novembro, uma semana será dedicado a pescaria. Em dezembro haverá uma oficina de duas semanas com os *moroyroa* (velhos), visando a produção de material didático na língua materna, encerrando assim o ano letivo.

Além destas atividades descritas, duas semanas no calendário letivo serão destinadas ao acompanhamento da festa do *opetymo*, que não têm data definida no calendário tradicional Parakanã.

| Janeiro | Fevereiro | Março | Abril | Maio | Junho | Total |
|--------------------------|---------------------------|-------------------|---------------------------------------|---|--|---------|
| Formação de professor | Formação de professor | 13 dias em classe | 13 dias em classe | 20 dias de aula | 15 dias de aula | 61 dias |
| | Festa do Petymo – 15 dias | | 07 dias escolas em festa | 02 dias de escola na festa <i>Warahanga</i> | | 24 |
| Julho | Agosto | Setembro | Outubro | Novembro | Dezembro | |
| Formação dos professores | Formação dos professores | | 20 dias de Atividades na sala de aula | 17 dias de escola na pesca | 11 dias de aulas regulares, haverá uma oficina de duas semanas com os <i>moroyroa</i> (velhos), para produção de material didático | 48 |

| | | | | | | |
|---|---|---|--|--------------------------------------|--------------------|-----------------|
| | | | | | na língua materna. | |
| 15 dias acompanham do as atividades na roça | 15 dias acompanham do as atividades na roça | 30 dias de acompanhamento de festas tradicionais Parakanã | | 7 dias de atividades em sala de aula | | 67 |
| Total | | | | | | 200 dias letivo |

Esse Projeto Político Pedagógico Parakanã, foi lido, discutido e aprovado pela Comunidade Indígena Parakanã, na Aldeia Apyterewa em 23 de Novembro de 20014, às 12:15.

15. Anexos

Em Anexo – Fichas [Diagnostico de Rendimento dos Alunos do 1º ao 2º Ciclo.docx](#)

Decreto de Criação das Escolas Parakanã

Decreto de Legalização das Escolas

ⁱ MEC - Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas. Brasília, 1998